

**A MOBILIDADE DOS ARTISTAS BISCAINHOS NAS
CONSTRUÇÕES MEDIEVAIS PORTUGUESAS: ESTUDO
PRELIMINAR**

Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo

Universidade do Minho

mcribeiro@uaum.uminho.pt; amelo@ics.uminho.pt

Resumo

O objetivo geral desta comunicação consiste em analisar a mobilidade dos artistas biscainhos nos estaleiros portugueses, nos finais da Idade Média. Pretende-se identificar a sua origem, bem como alguns dos estaleiros nacionais onde trabalharam, procurando reconstituir o trajeto profissional seguido por esses artistas. É igualmente nosso objetivo conhecer as diferentes relações sociais que os artistas biscainhos desenvolveram nos locais onde trabalharam, ou onde se fixaram definitivamente, designadamente ao nível das relações de parentesco (casamentos e descendência, entre outros). Pretende-se, ainda, analisar as marcas da presença destes indivíduos na paisagem urbana, nomeadamente através da toponímia ou do urbanismo.

A concretização destes objetivos passa pelo recurso à análise de fontes escritas, cartográficas e iconográficas, bem como do edificado histórico.

A metodologia utilizada baseia-se no cruzamento das diferentes fontes referidas, incidindo sobre alguns casos de estudo concretos, relativos aos artistas da construção designados como biscainhos. Alguns destes profissionais integraram importantes estaleiros portugueses, localizados em diversas regiões do Reino, incluindo o Norte de África e as Ilhas Atlânticas, ocupando cargos técnicos e funções sociais de grande destaque, inclusivamente régios.

Introdução

Este artigo pretende ser um contributo preliminar para o estudo da mobilidade dos artistas da construção nos estaleiros portugueses tardo-medievais.

A temática em apreço tem conhecido a nível nacional um particular desenvolvimento ao nível dos estudos de História de Arte. Sobretudo a partir dos finais do século XIX o interesse por reconstituir biografias de artistas e artesãos de vários sectores de atividade, designadamente da construção, conhece um particular incremento, destacando-se a publicação das obras de Sousa Viterbo (1899). Este autor traça o percurso de vida dos principais construtores que trabalharam nos estaleiros portugueses desde a Idade Média, nomeadamente dos que provinham de diferentes regiões, de dentro ou de fora do Reino.

Sobretudo a partir do século XX encontramos diversas obras de âmbito cronológico alargado que procuraram analisar diacronicamente os principais estilos artísticos nacionais, ilustrando-os com edifícios ou monumentos situados um pouco por todo o país. Trata-se de abordagens que estudam diversos aspetos históricos, arquitetónicos e artísticos, realçando os principais construtores envolvidos nos referidos edifícios, com particular destaque para os aspetos estilísticos e formais inovadores. Nestes casos encontramos referência a

bastantes mestres nacionais e estrangeiros, bem como a alguns aspetos relacionados com a organização dos estaleiros (Dias 1986; Pereira 1995; Serrão 2002).

No entanto, um estudo exaustivo sobre as formas de organização dos estaleiros, a mobilidade registada pelos construtores entre os diferentes locais de construção, a sua inserção na sociedade portuguesa, bem como a forma como estes artistas foram aplicando os conhecimentos adquiridos nos novos estaleiros por onde passam, permanece por realizar.

Neste sentido, o presente artigo pretende contribuir para um aprofundamento desta temática através do estudo de alguns construtores que integraram estaleiros tardo-medievais portugueses, com particular destaque para os *biscainhos*.

Na realidade, dentro do período tardo-medieval português inclui-se um reinado particularmente florescente, o de D. Manuel (1495-1521), durante o qual Portugal beneficiou da expansão ultramarina, nomeadamente nas Ilhas Atlânticas, no Norte de África e na Índia, que possibilitou um forte aumento e concentração de riqueza, que por sua vez colocaram Portugal num nível de desenvolvimento cultural e artístico muito elevado. A política encetada por este monarca pôde, deste modo, financiar e promover uma forte atividade construtiva, nomeadamente através da edificação e renovação de complexos arquitetónicos um pouco por todo o reino (Serrão 2002: 21-34).

Simultaneamente, a possibilidade de entrar em contacto com outras realidades culturais, em particular com as modernas tendências humanistas e renascentistas europeias, permitiu, no âmbito da atividade construtiva, a aplicação de novas estéticas e técnicas arquitetónicas.

Esta conjuntura possibilitou que, paralelamente ao monarca, outros poderes se assumissem como mecenas, impulsionando e patrocinando a atividade construtiva, entre os quais se destacam o Arcebispo bracarense D. Diogo de Sousa (1505-1532), ou os Bispos de Viseu D. Diego Ortiz de Villegas (1505-1519), e D. Miguel da Silva (1526-1547) (Dias 1986: 46-54; 70-74).

Refira-se, ainda, que no reino vizinho de Espanha, sobretudo após a morte de Isabel I, a Católica, em 1504, a instabilidade política assume alguma expressão, que contrasta com a situação vivida no território português.

Todas estas circunstâncias poderão ter contribuído para que Portugal se constituísse num espaço atrativo para os mestres da construção, nomeadamente provenientes de Espanha.

A presença de construtores estrangeiros nos estaleiros portugueses, provenientes de distintas *áreas culturais*, encontra-se documentada ao longo de toda a Idade Média.

A título de exemplo, refira-se a construção da igreja românica de S. Pedro de Ferreira (Porto), no século XII, onde encontramos um estaleiro constituído por três grupos de artífices a trabalhar em simultâneo, compostos por homens oriundos de três regiões muito distintas, com uma identidade cultural muito pronunciada, designadamente um de origem local, outro de Coimbra e um terceiro de Zamora. Estes últimos constituíam importantes centros de construção, com intensa atividade edilícia, nomeadamente de edifícios religiosos, onde se formaram mestres que trabalharão em estaleiros de diferentes regiões (Real 2011: 151-171).

Posteriormente, a construção do mosteiro da Batalha, iniciada em finais do século XIV, constitui outro exemplo relevante da presença de artistas estrangeiros em obras de construção portuguesas (Gomes 1990).

No entanto, será sobretudo a partir dos finais do século XV e inícios do século XVI, que assistimos a um maior incremento deste fenómeno. Por sua vez, esta circunstância poder-se-á associar à introdução de novidades formais e técnicas, contribuindo deste modo para a afirmação e definição da arquitetura tardo-gótica em Portugal. Entre os artistas estrangeiros, os designados de *biscainhos* terão tido um papel bastante significativo (Dias 1986: 9-91).

Neste sentido, este artigo pretende constituir um contributo para o estudo da presença, mobilidade e integração dos artistas *biscainhos* na sociedade portuguesa.

Deste modo, começaremos por abordar a sua presença nos estaleiros no noroeste de Portugal. De seguida acompanharemos a deslocação de alguns destes artistas para as obras do centro e do sul, em particular de João e Diogo de Castilho. Posteriormente, analisaremos alguns aspectos da integração social dos *biscainhos* em Portugal, nomeadamente em Braga, bem como algumas marcas da sua presença que persistem na atualidade. Com vista a sistematizar a mobilidade dos artistas *biscainhos* abordados neste trabalho, elaboramos ainda uma tabela esquemática (Tabela 1).

A nossa análise será realizada através do cruzamento de diferentes fontes de informação, em particular documentais, iconográficas e os edifícios que ainda subsistem. Entre as principais fontes escritas destacam-se os *Livros de Prazos* e as *Matrículas de Ordens da Arquidiocese de Braga*, mas também referências documentais a obras concretas, nomeadamente da Sé de Braga, da Igreja Matriz de Vila do Conde, ou do Mosteiro dos Jerónimos, entre outros, referentes a diversas regiões do reino. De igual modo, as fontes iconográficas e os edifícios analisados reportam-se a diferentes locais, acompanhando a mobilidade dos artistas estudados neste trabalho.

A presença dos biscainhos nos estaleiros do noroeste português nos finais do século XV e inícios do XVI

A presença de construtores estrangeiros nos estaleiros de construção portugueses, sobretudo ao longo dos finais do século XV e inícios do XVI, aparece documentada para várias regiões do país. Destaque-se, em particular, o norte de Portugal, mas também o centro e sul, nomeadamente na construção do Mosteiro dos Jerónimos e nas obras de renovação dos mosteiros da Batalha, Tomar e Alcobaça. Merece, igualmente, realce a presença destes artistas da construção de fora do reino nas Praças do Norte África e nas Ilhas Atlânticas portuguesas.

A proveniência destes oficiais incluía várias regiões da Europa designadamente espanholas, francesas, italianas e alemãs.

Na região de Entre-Douro-e-Minho o fulgor do último período gótico conheceu o contributo de um elevado número de mestres estrangeiros provenientes do norte de Espanha. Esta circunstância poderá ficar a dever-se, em parte, à existência de dois importantes centros de construção, designadamente os estaleiros da Catedral de Burgos e os da Catedral de Santiago de Compostela, onde se inclui o Hospital Real desta cidade (Dias 1986: 9-91; Serrão 2002: 19-46).

Na realidade, as fontes documentais permitem testemunhar a participação no norte de Portugal de artistas provenientes de diversos locais da Espanha setentrional, designados maioritariamente por *galegos* e por *biscainhos*. Esta última designação parece aplicar-se àqueles que provinham de uma ampla área, centrada em torno da cidade de Burgos. Esta vasta região, que possuía um importante estaleiro de construção situado na sua catedral, incluiria a diocese de Burgos, bem como uma zona que se estenderia para norte e nascente, englobando a Cantábria (Freitas 1961a: 6-9; Echegaray 1991; Pereira 1995: vol. 2, 11-64).

Na realidade, o estaleiro da catedral gótica de Burgos exerceu uma forte influência sobre os profissionais locais, conhecidos fora desta região como *os biscainhos*, nomeadamente ao longo da segunda metade do século XV, período em que contou com a direção dos mestres alemães Simão e João de Colónia (Dias 1986: 27; Serrão 2002: 43).

De facto, no caso português, os oficiais provenientes da diocese de Burgos aparecem com frequência designados na documentação coeva como *biscainhos*, como foi o caso dos mestres da obra da Igreja de Vila do Conde (Norte de Portugal), João de Rianho, “bizcainho pedreiro”, ou Sancho Garcia, “outsy pedreiro bizcainho”, assim referidos em documentos de 1500. Entre estes merecem particular destaque João e Diogo de Castilho (Freitas 1961a: 6).

A referência à presença de vários *biscainhos*, pedreiros ou construtores, aparece bem documentada num registo da diocese de Braga, intitulado *Matrículas de Ordens da Arquidiocese de Braga*, elaborado em 1505, no Mosteiro de Bouro.

A partir deste documento, sabemos que, pelo menos, desde 1497/98 se verifica uma forte presença dos construtores *biscainhos* na diocese e/ou na cidade de Braga. Estes seriam oriundos de diferentes territórios da diocese de Burgos, nomeadamente das montanhas da Cantábria, próximo de Santander, tais como Covas Rubras, S. Felices, S. Paio de Redondo, S. Cibrão, Penagós e Cudeyo (Freitas 1961a: 6-9)¹.

Todavia, os dados acerca destes homens são relativamente escassos, não permitindo, por vezes, apurar o local exato em que residiam, bem como em que construções trabalhavam. Sabemos, contudo, os seus nomes e que residiam na diocese de Braga desde cerca de 1497/98, e que se inscreveram nas *Matrículas de Ordens* em 1505. Entre estes constavam Bartolomeu de Covas Rubras; Pedro, filho de João Garcia; Rodrigo de Redondo; Fernando de la Lastra; e João, filho de Mestre Joanes.

O facto de se terem registado no referido documento, permite supor que trabalhariam no mosteiro de Bouro, ou em locais próximos, e que tencionariam permanecer nesta região por tempo indeterminado. Refira-se aliás que alguns deles passarão a residir em Braga, conforme se pode atestar por alguns emprazamentos na zona da futura Rua dos Biscainhos, na década de 20 do século XVI (Freitas 1961a: 6-9)².

No entanto, a maior parte dos *biscainhos* que vieram para o Norte de Portugal aparece associada a estaleiros concretos, tais como a Igreja Matriz de Caminha e a de Vila do Conde, bem como a várias construções em Braga. Refira-se, igualmente, a sua participação nas intervenções em igrejas e casas particulares de Viana do Castelo, no Mosteiro de Bouro e no de Vilar de Frades e, até mesmo, em algumas casas nobres rurais da região (Freitas 1961a: 6-9; Dias 1986: 46-48; 68-70).

No caso da Igreja Matriz de Caminha, iniciada em 1488 e concluída em 1511, sabemos que ao longo da sua construção os mestres-de-obras foram sempre *biscainhos*. O primeiro dos quais foi João ou Tomé de Tolosa, a quem se seguiu Francisco Fial e, finalmente, Pero Galego. Note-se que este último terá permanecido a morar com a sua família nessa Vila

¹ ADB (Arquivo Distrital de Braga), *Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga*, 5º vol., fl. 351, de 20 de outubro de 1505 e fl. 359 de 1512.

² ADB (Arquivo Distrital de Braga), *Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga*, 5º vol., fl. 351, de 20 de outubro de 1505 e fl. 359 de 1512.

pelo menos até 1513, já depois da obra se encontrar concluída³. Saliente-se igualmente que este mestre terá trabalhado, simultaneamente, em várias outras obras. De facto, desde 1510 aparece associado à construção do Mosteiro de Santa Ana, em Viana do Castelo (Dias 1986: 48).

A presença de vários pedreiros *biscainhos* aparece, igualmente, documentada na construção da Igreja Matriz de Vila do Conde, começada nos últimos anos do século XV e concluída em 1514. Desde 1496 ou 97 aí trabalharam, entre outros, quatro homens naturais de Penagós, bispado de Burgos, designadamente Rui Garcia, André de la Cota, João Garcia e João de Quintanilha (Freitas 1961a: 6-9; Freitas 1961b: 179-196).

À semelhança da construção da Igreja de Caminha, esta obra foi dirigida por sucessivos mestres-de-obras *biscainhos*. O primeiro terá sido João de Rianho, a quem sucedeu Sancho Garcia em 1500, substituído em 1509 por Rui Garcia, que era um dos pedreiros presentes já desde 1496, ou seja, desde o início da construção da Igreja de Vila do Conde (Freitas 1961a: 6-9; Freitas 1961b: 179-196).

Figura 1. Igreja Matriz de Vila do Conde



³ «Pero, filho de Pero Galego, pedreiro, e mulher Teresa Lopes, moradores então nesta vila» de Caminha, que em 1513 se registou nas matrículas de ordens dessa Vila (Freitas 1961a: 8).

Estes *biscainhos* terão ficado a trabalhar e residir nesta vila pelo menos durante cerca de 10 anos (1496/7- 1511). Infelizmente desconhecemos o local exacto, bem como o tipo de habitações em que se terão instalado nesta vila.

Saliente-se, contudo, que a composição desta equipa, incluiria também oficiais portugueses, como foi o caso do Gonçalo Anes, mestre pedreiro de Vila Real, que foi mestre da obra de Vila do Conde, em 1507.

Ao que tudo indica, sucessivos desentendimentos, nomeadamente relacionados com os preços das obras da Igreja de Vila do Conde, terão levado a contratar, em 1511, um novo mestre de obra, que substituiu Rui Garcia. Trata-se de João de Castilho, mestre *biscainho* que se encontrava a realizar obras na Sé de Braga. A importância deste mestre fica desde logo atestada pelo facto de se fazer acompanhar por uma equipa composta por mais de vinte homens. Igualmente, o conjunto de condições favoráveis que lhe foram concedidas, a ele e à sua equipa, pelo concelho de Vila do Conde, permite reforçar a relevância de João de Castilho (Freitas 1961a: 6-9; Freitas 1961b: 179-196).

Este mestre terá ficado a viver, conjuntamente com mais de vinte oficiais que o acompanhavam, numas casas disponibilizadas pelo concelho, em 1 de Novembro de 1511, sabendo-se mesmo que para isso os anteriores inquilinos terão sido desalojados. De igual modo, encontramos diversas referências à cedência, em 1513, um ano antes da conclusão da obra, de novas casas a João de Castilho para albergar os oficiais que trabalhavam consigo. Este facto poderá indiciar, entre outros aspetos, um reforço da equipa do estaleiro numa fase final da construção, que podemos associar ao incremento do ritmo construtivo, bem como ao avolumar dos pormenores de decoração e acabamento arquitetónico (Freitas 1961a: 6-9; Freitas 1961b: 179-196).

A título complementar, acrescente-se que a obra de carpintaria desta igreja foi entregue a João Gonçalves, mestre de carpintaria das Ilhas Atlânticas, em 15 de Março de 1513 (Freitas 1961a: 6-9; Freitas 1961b: 179-196).

De facto, a qualidade e quantidade de oficiais que trabalharam na Igreja de Vila do Conde, designadamente João de Castilho, mas também mestres provenientes de distintos locais, como os *biscainhos*, ou os das Ilhas Atlânticas portuguesas, permitem avaliar a importância deste estaleiro, no contexto das construções portuguesas deste período.

Tal como já referido, a presença dos *biscainhos* encontra-se igualmente bem documentada na cidade e na diocese de Braga, pelo menos desde 1496. Todavia, será sobretudo no governo do arcebispo D. Diogo de Sousa, entre 1505 e 1532, que a atividade construtiva nesta cidade irá conhecer um forte incremento. De facto, este arcebispo implementou um amplo projecto de modernização e desenvolvimento urbano, que incluiu a construção

de novos espaços viários e arquitetónicos, nomeadamente ruas e praças, mas também edifícios religiosos e civis. De igual modo, um amplo conjunto de construções já existentes conheceu uma renovação arquitetónica neste período, nomeadamente a Sé Catedral e o Paço Arquiepiscopal. Nesse sentido, D. Diogo de Sousa terá atraído para a cidade múltiplos artistas, estrangeiros e portugueses. Entre estes destacam-se o *biscainho* João de Castilho, o Mestre Machim, provavelmente flamengo, ou ainda o imaginário Mestre Jacques, de eventual origem franca (Maurício 2000: vol. I, 34-35; Freitas 1961a: 8).

Embora se presuma a participação dos mestres *biscainhos* em várias obras da cidade, nomeadamente através dum conjunto de características arquitetónicas e estilísticas que integram diversos edifícios, esta presença apenas se encontra documentalmente comprovada para um número restrito de construções. Entre elas, destacam-se as obras na capela-mor e na galilé da Sé Catedral, dirigidas por João de Castilho. As obras na capela-mor terão sido realizadas entre 1505 e 1509/11, data em que este aparece referido como “mestre da capela da Sé de Braga” (Maurício 2000: vol. I, 34-35; Freitas 1961a: 8), tal como já referido. Ao que tudo indica, o Arcebispo D. Diogo de Sousa terá contratado este mestre *biscainho* para a reedificação daquelas partes da Sé, nas quais terão sido aplicadas técnicas e estilos inovadores, nomeadamente a abóbada de combados⁴, construída pela primeira vez em Portugal. Dada a grandeza da intervenção arquitectónica e construtiva de D. Diogo de Sousa, nomeadamente na Sé Catedral, é admissível conjecturar a existência dum vasto estaleiro no qual laborariam diversos mestres *biscainhos*.

⁴ Ou seja uma “cobertura pétreia de nervuras curvas” (Dias 1986: 48).

Figura 2. Capela mor da Sé de Braga



Para além das intervenções na Catedral, destaca-se ainda a eventual participação de *biscainhos* na construção das novas edificações que são construídas na Rua de S. João do Souto, mandada abrir por D. Diogo de Sousa com o objetivo de ligar a renovada capela-mor da Sé a uma das portas da muralha medieval. Entre o conjunto das novas edificações destacam-se a Casa dos Coimbras, edificada entre 1505 e 1512, bem como a Capela dos Coimbras, construída entre 1525 e 1528.

Figura 3. Casa dos Coimbras



A referida casa, que contou com a participação de vários artistas *biscainhos*, entre os quais, provavelmente o próprio João de Castilho, foi construída na Rua de S. João do Souto, tendo sido trasladada nos inícios do século XX para a sua localização atual, no Largo homónimo. Atualmente, apesar de algumas alterações operadas aquando da sua mudança, a Casa dos Coimbras denota ainda muitas características arquitetónicas e estilísticas originais (Vasconcelos 1995: 63-80).

Acrescente-se ainda que, para além dos vários indícios da participação de *biscainhos* em construções na cidade, encontramos confirmação documental, sobretudo a partir de 1520, de que muitos deles passam a residir em Braga, preferencialmente numa rua nova que receberá o topónimo Biscainhos. Esta circunstância denota a importância que este grupo terá alcançado na cidade de Braga, como analisaremos mais à frente.

A mobilidade dos artistas biscainhos nas construções portuguesas

A presença e a forte mobilidade de diversos construtores *biscainhos* encontram-se documentadas em várias regiões de Portugal, tendo estes participado na construção de vários edifícios, em particular religiosos. Para além dos exemplos já analisadas para a região do Entre Douro e Minho, destaca-se, igualmente, a sua participação no interior Norte e Centro, como por exemplo na Sé de Lamego, na Igreja de Freixo de Espada à Cinta, no Paço dos Comendadores em Aguiar da Beira, ou na Sé de Viseu, mas também no centro litoral, nomeadamente na Igreja de Santa Cristina em Condeixa-a-Nova, ou em Coimbra, Tomar e Lisboa, como analisaremos de seguida. Refira-se ainda a participação dos *biscainhos* no sul de Portugal, designadamente na Igreja de S. Francisco em Évora. Por

fim, destaque-se ainda o facto de vários construtores *biscainhos*, após a permanência em estaleiros de Portugal continental, terem acabado por se deslocar para diversas construções nos espaços ultramarinos (Serrão 2002: 21-46).

Através da análise do percurso profissional e pessoal de dois conhecidos mestres *biscainhos*, João de Castilho e seu irmão mais novo Diogo, é possível analisar a mobilidade dos artistas nos estaleiros portugueses, no primeiro quartel do século XVI.

De facto, estes dois construtores destacam-se entre os mestres *biscainhos* pelas suas obras, bem como pelas responsabilidades que exerceram em diferentes estaleiros portugueses.

Ao que tudo indica os dois irmãos seriam naturais de Cudeyo, próximo de Santander, no arcebispado de Burgos, *Reino de Biscaia*. João de Castilho terá participado provavelmente na construção da Catedral de Burgos e na de Sevilha, conjuntamente com Simão de Colónia, entre outras obras, antes de se deslocar para Portugal (Moreira 1991: 425-426; Dias 1986: 52). Tal como já mencionado, a primeira referência documental conhecida a João de Castilho (c. 1475-1552) (Alves 1991: 161) relaciona-se com as importantes obras em Braga, designadamente em 1509/11, data em que surge identificado como “mestre da Capela da Sé de Braga” (Freitas 1961a: 8). Dada a importância desta obra, tudo indica que João de Castilho detinha já competências suficientes para dirigir uma obra de grande dimensão e complexidade, aplicando, muito provavelmente, os conhecimentos anteriormente adquiridos, nomeadamente no estaleiro da Catedral de Burgos, mas também em outros locais por onde poderá ter passado, como eventualmente Sevilha.

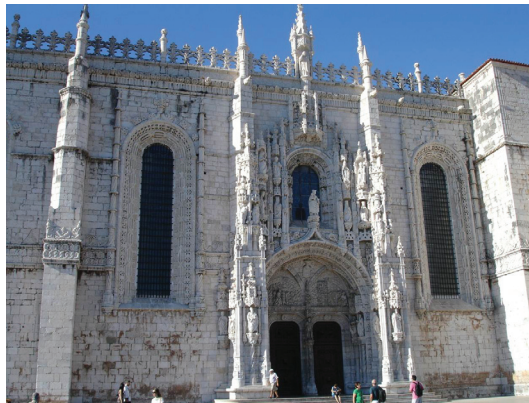
A partir de 1511 assegurou a direção da obra da Igreja de Vila do Conde, trabalho que concluiu em 1514. Durante estes três ou quatro anos terá tido casa nessa Vila, conjuntamente com os oficiais que o acompanhavam, tal como já referimos.

Simultaneamente, em 1513, encontramos-lo com o irmão Diogo, a participar na construção da abóbada da Sé de Viseu, obra que terá sido concluída neste ano (Viterbo 1899: 183-184).

Posteriormente, em 1517, João de Castilho foi trabalhar na construção do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, para a qual terá trazido homens da sua confiança, nomeadamente Pero de Trillo, com quem havia trabalhado no estaleiro da Catedral de Sevilha (Dias 1986: 52 e 62; Alves 1991: 130). Nos Jerónimos assume a direção arquitetónica geral da obra, em substituição do Mestre Boitaca, segundo um novo sistema de gestão da obra, dividida em empreitadas. Para além de dirigir o estaleiro no seu conjunto, coordena uma das empreitadas em que a obra foi desdobrada, uma forma de organização do estaleiro inovadora para a época (Viterbo 1899: 183-185; Dias 1986: 62-63; Alves 1991: 127-131).

A grande empreitada que João de Castilho dirige diretamente nos Jerónimos incluía várias obras, nomeadamente a construção do famoso Portal Sul, sendo composta por 110 operários e dividida em 5 equipas específicas, coordenadas cada uma por mestres de obra *biscainhos*. Uma dessas equipas era dirigida diretamente pelo próprio João de Castilho, e as restantes, respetivamente, por Pero Guterres, Rodrigo de Pontezilha, Fernão de la Ferosa e Francisco de Benavente. Para além destes oficiais, integravam a equipa de João de Castilho vários outros, nomeadamente os *biscainhos* Diogo de Castilho, Pero de la Rota e Gonçalo de Castilho (Viterbo 1899: 183-185; Alves 1991: 127-131)⁵, entre outros, mas também franceses, espanhóis e portugueses.

Figura 4. Portal Sul do Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa)



A referida construção do Portal Sul do Mosteiro dos Jerónimos terá sido edificada num curto espaço de tempo e terá contado com a participação de homens da confiança de João de Castilho, com os quais já havia trabalhado anteriormente, em particular em estaleiros do Norte. Entre estes incluem-se Juan de la Faya, André Pilarte e ainda o Mestre Machim (mestre de origem flamenga), de quem temos notícia em Braga em 1510 e posteriormente em Coimbra (Alves 1991: 127-131; Pereira 1995: vol. II, 67-68)⁶.

Paralelamente as restantes empreitadas, cerca de sete, eram dirigidas por outros mestres estrangeiros e portugueses, tais como o *biscainho* Pero de Trilho (Pereira 1995: vol. II,

⁵ ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), *Núcleo Antigo*, livros 811 a 814 - *Despesas das obras do Mosteiro de Belém*, livro 813, fls. 2-51vº (1517).

⁶ ANTT, *Núcleo Antigo*, livros 811 a 814 - *Despesas das obras do Mosteiro de Belém*, livro 813, fls. 2-51vº (1517).

348), o francês Nicolau Chanterêne, e os portugueses Filipe Henriques⁷, Leonardo Vaz, João Gonçalves e Rodrigo Afonso.

Refira-se que no total, em 1517, terão trabalhado no estaleiro em simultâneo cerca de 250 trabalhadores, distribuídos pelas diferentes empreitadas (Pereira 1995: vol. II, 11-69).

A grandeza da obra, bem como a complexa estrutura organizativa do estaleiro demonstram as capacidades de João de Castilho como verdadeiro gestor de obra, engenheiro e arquiteto do seu tempo.

Simultaneamente, em 1519 João de Castilho dirige obras no Convento de Cristo em Tomar, em cuja vila vai ter desde então a sua “residência habitual”. Paralelamente, este Mestre dirige ainda obras no Mosteiro de Alcobaça, tendo aí trabalhado com o Mestre Nicolau Chanterêne e com Rui Garcia, outro *biscainho* (Viterbo 1899: 186-188), com quem aliás já tinha trabalhado em Vila do Conde, como já referimos.

Posteriormente, em 1528 é nomeado mestre das obras do Mosteiro da Batalha, cargo que manterá até 1532. Todavia, João de Castilho participa simultaneamente em diversas obras, alguma delas geograficamente muito dispersas, como é o caso da construção da fortificação da Praça de Arzila (Norte de África), em 1529. Refira-se igualmente, que em 1533 inicia nova obra em Tomar, e em 1541 e em 1549 o encontramos novamente no Norte de África, onde dirige grandes obras na fortificação portuguesa de Mazagão. De 1548 a 1551 trabalha de novo em Tomar, onde coordena as obras no Convento de Cristo (Viterbo 1899: 190-201).

Tal como já referido, esta cidade terá sido residência oficial de João de Castilho desde 1519 até 1551, ano da sua morte⁸.

A vasta obra de João de Castilho ao serviço dos monarcas portugueses mereceu-lhe amplos privilégios e avultados pagamentos. Desde pelo menos 1519 que João de Castilho é com frequência identificado como “mestre das obras del rei”, e “cavaleiro da Casa do Rei”. Igualmente, numa carta régia de quitação de 30 Janeiro de 1533 de D. João III apresenta-se um rol das obras régias onde João de Castilho trabalhou, estimando-se que havia já recebido mais de 25 contos e 509.000 reais. Para além destas quantias, Castilho terá, igualmente, beneficiado de diversas tenças anuais do rei, além de doações de propriedades régias. Finalmente, após a sua morte, em 1551, e a pedido dos herdeiros, D. Sebastião

⁷ Filho de Mateus Fernandes e cunhado de Boitaca. Mateus Fernandes foi mestre das obras do Mosteiro da Batalha, antes de João de Castilho (Alves 1991: 130).

⁸ No documento de nobilitação dos seus descendentes surge como tendo residência oficial em Tomar (Viterbo 1899: 201-204).

concede à família o título de nobreza, em 1561. Acrescente-se, ainda, que dos 5 filhos conhecidos, alguns desempenhando cargos de relevo junto do Rei de Portugal, nenhum seguiu o mester do pai (Viterbo 1899: 201-204).

Tal como já mencionado, João de Castilho terá integrado na sua equipa o seu irmão Diogo, primeiramente na Catedral de Viseu, em 1513, e posteriormente no Mosteiro dos Jerónimos, em 1517. No entanto, Diogo de Castilho deixaria em Março de 1518 o Mosteiro dos Jerónimos para se dirigir a Coimbra, cidade onde se fixará até à sua morte por volta de 1574 (Viterbo 1899: 170-183; Dias 1986: 75; Craveiro 1990).

Todavia, para além das múltiplas obras que Diogo de Castilho executou nesta cidade, conhece-se-lhe a participação em outros locais, nomeadamente na região centro litoral. Em 1524 foi nomeado *mestre das obras dos Paços Reais de Coimbra*, tendo sido nomeado pelo Rei em 1531 *mestre de obra de pedraria e alvenaria do Mosteiro de Santa Cruz*, onde executará os túmulos dos reis fundadores. Em 1539, por mandado régio, fez vistorias em várias obras do Porto e do seu termo e em 1539-41 parece estar associado ao início das obras do Mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, às quais poderá ter permanecido ligado até 1547 (Viterbo 1899: 170-183; Dias 1986: 74-76; Marques 2008-2009: 231-278).

Neste mesmo ano é nomeado *mestre de obra de pedraria e alvenaria da Universidade de Coimbra*. Nesta cidade colabora, em 1543-48, na edificação do Colégio da Graça e, em 1551, está associado à construção do Colégio das Artes. Refira-se ainda a sua participação em várias outras obras desta cidade, tais como no Colégio de S. Jerónimo, nas obras de reparação da ponte e encanamentos, bem como provavelmente no restauro da Sé Velha (Viterbo 1899: 170-183; Marques 2008-2009: 235-236).

Diogo de Castilho acabará por se estabelecer em Coimbra com a sua família, cidade onde desempenhou vários cargos públicos importantes, para além dos próprios do seu mester, designadamente funções de vereador do município de Coimbra, em 1559 e 1569, bem como provedor da Misericórdia desta mesma cidade, em 1563-66. Destaque-se, igualmente, à semelhança do seu irmão, os títulos régios que lhe foram atribuídos, nomeadamente, por D. João III em 1547, de *cavaleiro da casa real*. Por fim, refira-se ainda as isenções municipais de que beneficiou devido ao seu estatuto de *mestre-de-obras de pedraria e alvenaria* de grande parte das obras do seu tempo feitas em Coimbra (Viterbo 1899: 170-183).

Finalmente, refira-se que em 1573, pouco antes da sua morte, Diogo de Castilho renunciou aos ordenados que tinha em benefício da sua neta, Maria de Azevedo, freira professa no Mosteiro de Celas, filha de Jerónimo de Castilho. A continuidade da sua obra em Coimbra será assegurada por este seu filho, Jerónimo de Castilho (Viterbo 1899: 170-183).

De facto, Diogo de Castilho, *biscainho* de origem, casado com uma filha dum mercador do Porto antes de 1526, fixou as suas raízes em Coimbra, onde constituiu família, vendo a continuidade da sua obra, bem como a influência nesta cidade e no Reino perpetuadas através dos seus descendentes.

A partir dos casos analisados podemos constatar a mobilidade dos construtores nos estaleiros portugueses, nomeadamente dos *biscainhos*, bem como a sua inserção e enraizamento na sociedade portuguesa. Algumas das marcas da sua presença persistem até à atualidade, como analisaremos de seguida.

Expressões da presença dos *biscainhos* em Braga

De entre as inúmeras expressões da presença dos *biscainhos* em Portugal, no primeiro quartel do século XVI, analisaremos as que se referem à cidade de Braga, na qual a toponímia viária atual constitui um exemplo bastante significativo da importância que estes artistas terão tido nesta cidade.

De facto, a conjuntura favorável de inícios do século XVI terá permitido que o arcebispo D. Diogo de Sousa levasse a cabo um programa de modernização urbanística da cidade, imbuído de um forte espírito renascentista, devedor em parte da própria trajetória pessoal do prelado. Tal como já referido, este arcebispo terá atraído à cidade vários artistas, entre os quais *biscainhos*, para executar diversas obras. Entre as principais consequências da sua política para Braga, destaca-se a abertura de um conjunto de *campos* em frente das portas medievais da muralha, nomeadamente o Campo da Vinha e o das Hortas. A ligação entre estes dois *campos* dará origem ao desenvolvimento de uma rua, que ladeia a muralha medieval pelo lado exterior, designada dos Biscainhos, ainda no século XVI (Ribeiro 2008: vol. I, 502-507).

Esta nova artéria, assim denominada por nela se terem instalado vários mestres pedreiros *biscainhos*, irá constituir um eixo privilegiado de circulação, entre o Arco da Porta Nova, mandada também abrir pelo referido Arcebispo, e a Porta Limpa ou de S. Francisco (Ribeiro 2008: vol. I, 502-507), como se pode observar na Figura 6. Este prelado, movido por uma forte vontade de alterar urbanística e arquitectonicamente a cidade, terá atraído para Braga estes especialistas, alguns dos quais se concentraram na zona da futura rua, desde

cerca de 1521, conforme se constata pela análise dos *prazos* do concelho de Braga. Através destes documentos, referentes ao emprazamento de chãos para construir casas, constata-se o início do processo de urbanização desse espaço. Destaque-se, igualmente, que uma parte destes emprazamentos foi feita a pedreiros, alguns dos quais *biscainhos*. Refira-se como exemplo, no ano de 1521, o prazo feito a Fernão Garcia pedreiro, e sua mulher Isabel Gonçalves, em 5 vidas, de uns chãos do concelho para fazer casas sobradadas⁹.

Figura 5. Vista da Rua dos Biscainhos (Mapa de Braga Primaz – 1755)



Outro exemplo refere-se ao prazo feito a Fernão de la Lastra, pedreiro, e a sua mulher, Filipa Dinis, também em cinco vidas, em 1521, de uns chãos para construir casas na futura Rua dos Biscainhos¹⁰. Este *biscainho*, filho de Fernão Guterres de la Lastra e de Maria Fernandes, era natural de S. Paio de Redondo, do bispado de Burgos e morador em Braga (cidade ou diocese) desde 1496/7, registado nas *Matrículas de ordens da arquidiocese*

⁹ AMB (Arquivo Municipal de Braga), *Livro 2 de Prazos da Câmara*, fl. 103, de 12 de Janeiro de 1521.

¹⁰ AMB, *Livro 2 de Prazos da Câmara*, fl. 105-106 de 12 de Janeiro de 1521.

de Braga, em 1505, tal como já referido. Sabemos que em 1526 já havia falecido¹¹, o que significa que terá permanecido na região de Braga durante cerca de 28 anos.

Do mesmo modo, o prazo outorgado a Pero de la Faya, em 1524, que empraza chãos para fazer casas, na mesma rua¹² e que assina o documento. Saliente-se que este mestre trabalhou, muito provavelmente, com João de Castilho no Mosteiro dos Jerónimos, em 1517 e 1518¹³, tendo vindo posteriormente a fixar-se em Braga.

Situação contrária parece ter ocorrido com o Mestre Machim, flamengo, pedreiro, que em 1510 empraza uns chãos em Braga para fazer umas casas, para si e seus descendentes, na Rua Nova de Sousa, nas proximidades da futura Rua dos Biscainhos¹⁴, tendo-se posteriormente deslocado para Lisboa, onde o encontramos a trabalhar no estaleiro dos Jerónimos em 1517, com João de Castilho. Deste modo, podemos supor que terá colaborado inicialmente com João de Castilho nos estaleiros de Braga, e que posteriormente integrou a sua equipa nos Jerónimos, devendo por isso tratar-se dum homem da sua confiança. Sabemos igualmente que, entre a estadia em Braga e a participação nos Jerónimos, terá trabalhado em Coimbra.

De entre os exemplos de *biscainhos* que se inscreveram nas *Matrículas de Ordens* em 1505 (Freitas 1961a: 6-8) e que estão implicados no processo do início da urbanização da Rua dos Biscainhos, destaque-se ainda o prazo de uns chãos para fazer casas, feito a Rodrigo de Redondo em 1525¹⁵.

Através dos exemplos enunciados, constata-se que grande parte dos prazos foram feitos em 5 vidas, o que demonstra a intenção dos enfeiteutas *biscainhos*, residentes na região desde 1496/7, se fixarem na cidade, com os seus descendentes

Na generalidade, estes *biscainhos* parecem ter vindo para Portugal ainda solteiros, provavelmente muito novos, uma vez que são identificados inicialmente com recurso ao nome dos pais, moradores na diocese de Burgos. Posteriormente, quando aparecem nos prazos de 1521, surgem casados, ao que tudo indica com mulheres portuguesas.

¹¹ AMB, Livro 2 de Prazos da Câmara, fl. 155-156vº, de 12 de Junho de 1526.

¹² AMB, Livro 2 de Prazos da Câmara, fl. 143-144vº, de 1524.

¹³ ANTI, Núcleo Antigo, livros 811 a 814 - *Despesas das obras do Mosteiro de Belém*, livro 811, fl. 11 (1518); fl. 59v e 60 (1519).

¹⁴ AMB, Livro 1 de Prazos da Câmara, fl. 111v-112v, de 27 de Abril de 1510.

¹⁵ AMB, Livro 2 de Prazos da Câmara, fl. 151-153, de 30 de Abril de 1525.

Conclusões

A conjuntura portuguesa de inícios do século XVI, do ponto de vista financeiro e cultural muito favorável, terá estado na base de um impulso da imigração de construtores estrangeiros.

O afã e impulso construtivo inovador foram potenciados por mecenas, tal como o rei D. Manuel em Lisboa e vale do Tejo, mas também por vários promotores, designadamente alguns concelhos, nobres e instituições eclesiásticas do Entre-Douro-e-Minho, como o já referido Arcebispo D. Diogo de Sousa em Braga. Por outro lado, este impulso construtivo ficou a dever-se às necessidades militares do Norte de África, ou à construção nas novas cidades das ilhas dos Açores e da Madeira. Os recursos financeiros disponíveis para essas finalidades tornavam Portugal, nos finais do século XV e inícios do XVI, um reino de forte atividade construtiva, em particular de obras de prestígio e dimensão arrojada e fora do vulgar, propícias à introdução de novas técnicas e inovações estilísticas.

Entre os construtores estrangeiros os *biscainhos* constituem um grupo bastante importante que, de forma geral, terá influenciado de modo determinante as construções de várias obras, régias, eclesiásticas e privadas, que se desenvolveram um pouco por todo o reino português.

Na generalidade, os *biscainhos* estudados neste trabalho, provenientes da diocese de Burgos, terão participado no estaleiro da respectiva Catedral, mas também em outros estaleiros de construção, nomeadamente em Santiago de Compostela e Sevilha, onde terão aprendido e desenvolvido técnicas e estéticas inovadoras. Posteriormente deslocaram-se preferencialmente para a zona Norte de Portugal, onde, numa fase inicial, trabalharam nos estaleiros do Entre Douro e Minho, individualmente ou em equipa, nomeadamente em Braga e em diversas igrejas da faixa litoral respetiva. Parte deles ter-se-á deslocado, numa fase posterior, para a zona centro e sul do reino, em particular os que acompanharam João de Castilho, enquanto outros se terão radicado na região Norte, com forte expressão na cidade de Braga.

O caso de João de Castilho é bastante ilustrativo da mobilidade dos artistas da construção, entre diferentes estaleiros portugueses. Este mestre, tendo trabalhado inicialmente em Braga, em 1509/11, terá posteriormente passado por Vila do Conde, em 1511, integrando na sua equipa vários homens da sua confiança, incluindo vários *biscainhos* instalados na região desse 1496/7. Seguidamente, João de Castilho irá trabalhar para Viseu, em 1513, e em 1517 passa a dirigir os estaleiros do Mosteiro dos Jerónimos. A influência deste mestre *biscainho* fez-se ainda sentir em outros locais do reino, por onde passou, sendo de salientar que as suas equipas integravam alguns homens que haviam trabalhado anteriormente consigo.

Estes mestres *biscainhos*, paralelamente às inovações estilísticas e arquitetónicas que introduziram na construção portuguesa, foram igualmente capazes de integrar essas novidades exteriores ao reino nas práticas especificamente portuguesas. As intervenções de João de Castilho em Tomar, ou nos Jerónimos, constituem um exemplo paradigmático dessa capacidade, contribuindo para a definição do *Manuelino*.

Paralelamente às inovações estilísticas e arquitetónicas, saliente-se igualmente o enraizamento dos *biscainhos* na sociedade portuguesa. De facto, alguns alcançaram cargos de direção de obras régias de elevada responsabilidade, obtendo a respetiva recompensa e grande sucesso pessoal e profissional. Entre as diferentes benesses, saliente-se os ofícios públicos em que foram providos, nomeadamente vereadores e provedores, mas também os títulos nobiliárquicos que alguns obtiveram, como *cavaleiro da casa real*. Outros, ligados a mecenas de âmbito regional, como foi o caso em Braga do Arcebispo D. Diogo de Sousa, terão beneficiado de proteção e estatuto especial.

Simultaneamente, constata-se que grande parte destes homens se casou com mulheres portuguesas, ficando a viver definitivamente em Portugal, integrando-se na sociedade portuguesa, e que alguns dos seus descendentes manterão um importante papel e estatuto social.

A importância destes *biscainhos* pode ser, igualmente, avaliada pela influência exercida ao nível da toponímia, destacando-se como um dos exemplos mais paradigmáticos a Rua dos Biscainhos, em Braga, assim designada desde o século XVI.

**Tabela 1. Construtores *biscainhos* em Portugal¹⁶
(exemplos analisados neste trabalho)**

Nome	Origem	Situação	Fonte documental	Fonte bibliográfica
Bartolomeu de Covas Rubras, filho de João Olheyo e de Catarina de Covas Rubras, morador na diocese de Braga desde 1496/97	Covas Rubras (bispado de Burgos)	Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1505	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga – 1505, outubro, 20</i>	Freitas 1961a: 6
Pedro, filho de João Garcia e mulher Maria Lopes	S. Felices, (bispado de Burgos)	Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1505	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga – 1505, outubro, 20</i>	Freitas 1961a: 6
Rodrigo de Redondo, filho de Gonçalo Peres de la Maça e de Joana Guterres, morador na cidade de Braga desde 1496/97	S. Paio de Redondo, (bispado de Burgos)	Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1505 Braga - prazo dum chão para fazer casas na rua dos Biscainhos, em 1525	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga – 1505, outubro, 27</i> AMB, Livro 2 de Prazos da Câmara, fl. 151-153, de 30 de Abril de 1525	Freitas 1961a: 6
Fernando de La Lastra, filho de Fernão Guterres de la Lastra e de Maria Fernandes, morador na diocese de Braga desde 1496/97	S. Paio de Redondo, (bispado de Burgos)	Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1505 Braga - prazo dum chão para fazer casas na rua dos Biscainhos, em 1521	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga – 1505, outubro, 27</i> AMB, Livro 2 de Prazos da Câmara, fl. 105-106 de 12 de Janeiro de 1521	Freitas 1961a: 6-8
João, filho de Mestre Joanes e de Turibia Dias, o dito João morador em Chaves e na diocese de Braga desde 1496/97	S. Cibrão (bispado de Burgos)	Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1505	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga – 1505, outubro, 27</i>	Freitas 1961a: 6-8

¹⁶ A apresentação dos indivíduos na Tabela segue a ordem cronológica das referências mais antigas encontradas para cada um neste estudo.

As datas indicadas para cada construtor referem-se aos anos em que a sua presença foi documentalmente comprovada neste trabalho, não significando que a sua participação se limite apenas a estes anos.

Nome	Origem	Situação	Fonte documental	Fonte bibliográfica
Pero, filho de Pero Galego (Mestre da Matriz de Caminha), pedreiro e de sua mulher Tareja Lopes, moradores na vila de Caminha.		Inscritos nas Matrículas de Ordens do arcebispado de Braga, em 1513	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga - 1513</i>	Freitas 1961a: 8
João ou Tomé de Tolosa que se aponta com o iniciador das obras da Matriz de Caminha, em 1488	Tolosa (País Basco)	1º Mestre de Obra da Igreja Matriz de Caminha (1488-1511)		Freitas 1961a: 8
Francisco Fial	Biscainho	Mestre de Obra da Igreja Matriz de Caminha (1488-1511), que se segue a João de Tolosa		Dias 1986: 47
Mestre Pero Galego, casado com Tareja Lopes, moradores em Caminha		Mestre da Igreja Matriz de Caminha (1488-1511), que se segue a Francisco Fial Convento de Santa Ana em Viana do Castelo, em 1510		Freitas 1961a: 8 Dias 1986: 47-48
João de Rianho	Biscainho	1º Mestre da obra de Vila do Conde desde 1496/97 até 1500		Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 180-182
João, pedreiro, filho de João García	Penagós (bispado de Burgos)	Pedreiro na Igreja Matriz de Vila do Conde desde 1496/97	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga - 1505</i>	Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 184-185
André de la Cota, pedreiro	Penagós (bispado de Burgos)	Pedreiro na Igreja Matriz de Vila do Conde desde 1496/97	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga - 1505</i>	Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 184-185
João de Quitanilha, pedreiro	Penagós (bispado de Burgos)	Pedreiro na Igreja Matriz de Vila do Conde desde 1496/97	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga - 1505</i>	Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 184-185

Nome	Origem	Situação	Fonte documental	Fonte bibliográfica
Sancho Garcia	Penagós (bispado de Burgos)	2º Mestre da Igreja Matriz de Vila do Conde desde 1500 até 1509 (?)		Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 180-182
Rui Garcia, filho de outro Rui Garcia e de Maria Gonçalves, pedreiro	Penagós (bispado de Burgos)	Pedreiro na Igreja Matriz de Vila do Conde desde 1496/97; Mestre da obra desde 1509 até 1511, sucedendo a Sancho Garcia Mosteiro de Alcobaça, em 1519	<i>Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga - 1505</i>	Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 184-186 Viterbo 1899: 188
João de Castilho, irmão de Diogo de Castilho	Cudeyo, Meirinhado de Trasmiera (bispado de Burgos)	Mestre da capela da Sé de Braga (1509-1511) Terceiro mestre da Igreja Matriz de Vila do Conde de 1511 a 1514 Sé de Viseu, com irmão Diogo, em 1513 Mosteiro dos Jerónimos, 1517-1518; 1522 Convento de Cristo em Tomar e no Mosteiro de Alcobaça, em 1519 Mosteiro da Batalha, em 1528-1532 Arzila, em 1529 Tomar, em 1533; 1548-1551 Mazagão, em 1541, 1549		Viterbo 1899: 183 e 201-204; Freitas 1961a: 8; Freitas 1961b: 187-196 Viterbo 1899: 183 Viterbo 1899: 184-201

Nome	Origem	Situação	Fonte documental	Fonte bibliográfica
Diogo de Castilho, irmão de João de Castilho	Cudeyo, Meirinhado de Trasmiera (bispado de Burgos)	Sé de Viseu, com irmão João, em 1513 Mosteiro dos Jerónimos (aparelhador da equipa do João de Castilho), em 1517 Coimbra, em 1524-1574 Porto, em 1539-41/47	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 183 Viterbo 1899: 184-185 Viterbo 1899: 170-183 Marques 2008-2009: 235-236.
Pero Gutterrez		Aparelhador no Mosteiro dos Jerónimos (coordena equipa da empreitada de João de Castilho), em 1517	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 184
Pero de Trilho (Trillo)		Mosteiro dos Jerónimos, (coordena empreitada), em 1517	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 184
Fernão de la Ferosa		Aparelhador da sacristia do Mosteiro dos Jerónimos (coordena equipa da empreitada de João de Castilho), em 1517	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 185
Rodrigo de Pontezilha		Aparelhador do portal do capítulo do Mosteiro dos Jerónimos (coordena equipa da empreitada de João de Castilho), em 1517	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 185-186
Francisco de Benavente		Aparelhador da crasta primeira do Mosteiro dos Jerónimos (coordena equipa da empreitada de João de Castilho), em 1517	ANTT, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	Viterbo 1899: 185

Nome	Origem	Situação	Fonte documental	Fonte bibliográfica
Pero de la Rota		Mosteiro dos Jerónimos, aparelhador de João Castilho, em 1518	ANTI, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 814, fls. 1-58v	Viterbo 1899: 185
Gonçalo de Castilho		Mosteiro dos Jerónimos, aparelhador de João Castilho, em 1518	ANTI, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 814, fls. 1-58v	Viterbo 1899: 185
Juan de la Faya		Mosteiro dos Jerónimos, em 1517	ANTI, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	
André Pilarte		Mosteiro dos Jerónimos, em 1517	ANTI, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v	
Pero de la Faya		Mosteiro dos Jerónimos (membro da equipa do João de Castilho), em 1517 Braga - prazos chãos para fazer casas na rua dos Biscainhos, em 1524	ANTI, Núcleo Antigo, - Despesas das obras do Mosteiro de Belém, livro 813, fls. 2-51v AMB, <i>Livro 2 de Prazos da Câmara</i> , fl. 143-144vº, de 1524	
Fernão Garcia pedreiro		Braga - prazos chãos para fazer casas na rua dos Biscainhos, em 1521	AMB, <i>Livro 2 de Prazos da Câmara</i> , fl. 103, de 12 de Janeiro de 1521	

Fontes

ADB (Arquivo Distrital de Braga)

Matrículas de Ordens do Arcebispado de Braga, 5º volume

AMB (Arquivo Municipal de Braga)

Livro 1 de Prazos da Câmara

Livro 2 de Prazos da Câmara

ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

Núcleo Antigo, livros 811 a 814 - *Despesas das obras do Mosteiro de Belém*

Bibliografia

Alves, J. F. 1991. *O Mosteiro dos Jerónimos II – Das Origens à atualidade*. Livros Horizonte, Lisboa.

Craveiro, M.L.A. 1990. *Diogo de Castilho e a Arquitectura da Renascença em Coimbra*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Dias, P. 1986. O Manuelino. *História da Arte em Portugal*, vol. 5. Publicações Alfa, Lisboa.

Echegaray, M.C.G. (dir.). 1991. *Artistas Cantabrios de la Edad Moderna*. Universidad de Cantabria, Cantabria.

Freitas, E.A.C. 1961a. «João de Castilho e a sua obra no Além Douro». *Colóquio Revista de artes e Letras*. 15: 6-9.

Freitas, E.A.C. 1961b. «Os Mestre Biscainhos na Matriz de Vila do Conde». *Anais da Academia Portuguesa de História*. 2ª série. 11: 179-196.

Gomes, S.A. 1990. *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*. Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Marques, J. 2008-2009. «Frei Luís de Montóia e Diogo de Castilho na construção do Colégio da Graça de Coimbra, segundo o “Libro das obras del Collegio”». *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnica do Património*. 1ª Série. VII-VIII: 231-278.

Maurício, R. 2000. *O Mecenato de D. Diogo de Sousa Arcebispo de Braga (1505-1532): Urbanismo e arquitectura*. 2 vols. Edições Magno, Leiria.

Moreira, R. 1991. *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal — a Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Pereira, P. (dir.). 1995. *História da Arte Portuguesa*. 3 vols. Círculo de Leitores, Lisboa.

Real, M. 2011. «Encomendadores e construtores num projeto de integração cultural e inovação estilística – o caso das parcerias na oficina românica de S. Pedro de Ferreira (Portugal)», in Melo, A. S. e Ribeiro, M.C. (eds.), *História da Construção – Os Construtores*, CITCEM, Braga, p. 151-171.

Ribeiro M.C. 2008. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Vol. 1. Dissertação de doutoramento. Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga. URL: <http://hdl.handle.net/1822/8113>.

Serrão, V. 2002. *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*. Editorial Presença, Lisboa.

Vasconcelos, M.A.J. 1995. «A casa dos Coimbras». *Forum*. 18: 63-80.

Viterbo, S. 1899. *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portugueses ou a serviço de Portugal*. Vol. I, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, Lisboa.

